APRENDER E PERSISTIR: DESAFIOS PARA A PRESENÇA DE PÓS-GRADUANDOS DO BRASIL EM ANGOLA

LEARNING AND PERSISTING: CHALLENGES FOR THE PRESENCE OF BRAZILIAN GRADUATE STUDENTS IN ANGOLA

Recebido: 26/05/2026 Aprovado: 09/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4575

Adriana Santos Batista[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-5891-0192

Fátima Aparecida de Souza[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0129-4613

Lílian Teixeira de Sousa[3]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-9911-2587

Augusto José Fazenda[4]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0996-4685

Resumo: O artigo analisa os desafios para a efetivação da mobilidade acadêmica de pós-graduandos brasileiros em Angola, com base em experiências de cooperação desenvolvidas no âmbito do projeto “Formação de professores para o ensino da leitura e da escrita em contextos de desigualdades sociais” (PROLEDES), aprovado pelo Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Ministério da Educação. A partir da análise das condições concretas de implementação das bolsas de mestrado-sanduíche e doutorado-sanduíche, discute-se a internacionalização da pós-graduação brasileira em perspectiva Sul–Sul, evidenciando suas descontinuidades e limites estruturais. Argumenta-se que a mobilidade acadêmica para Angola não constitui um fluxo constante, mas uma exceção historicamente condicionada a políticas de incentivo e a iniciativas institucionais específicas. Os entraves analisados, relacionados sobretudo aos trâmites migratórios, indicam que o financiamento, embora necessário, não é suficiente para sustentar essas experiências. Tal constatação evidencia a necessidade de articulações institucionais, acordos e políticas em diferentes níveis. Por fim, defende-se a construção de uma agenda conjunta que articule internacionalização e interiorização, de modo a favorecer a continuidade de iniciativas similares.

Palavras-chave: internacionalização; interiorização; mobilidade; formação de professores.

Abstract: This article analyzes the challenges involved in the implementation of academic mobility for Brazilian graduate students in Angola, based on cooperation experiences developed within the project Teacher Education for the Teaching of Reading and Writing in Contexts of Social Inequality

[1] Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador – BA. E-mail: adrianasb@ufba.br

[2] Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador – BA. E-mail: fatima.souza@ufba.br

[3] Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora associada da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador – BA. E-mail: lilian.sousa@ufba.br

[4] Presidente do Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe, em Angola. E-mail: ajfazenda@yahoo.com.br

(PROLEDES), approved under the Abdias Nascimento Academic Development Program of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) and the Ministry of Education. Through an analysis of the concrete conditions for implementing sandwich master's and doctoral scholarships, the article discusses the internationalization of Brazilian graduate education from a South–South perspective, highlighting its discontinuities and structural limitations. It argues that academic mobility to Angola does not constitute a steady flow, but rather an exception historically conditioned by incentive policies and specific institutional initiatives. The challenges analyzed, particularly those related to migration procedures, indicate that funding, although necessary, is not sufficient to sustain such experiences. This finding underscores the need for institutional coordination, agreements, and policies at different levels. Finally, the article advocates the development of a joint agenda that articulates internationalization and interiorization to foster the continuity of similar initiatives.

Keywords: Internationalization. Interiorization. Mobility. Teacher education.

1 Introdução

Neste artigo discutimos um tipo específico de cooperação Sul-Sul, aquele que, para além de se caracterizar pela articulação entre nações que compartilham aspectos e desafios socioeconômicos e sócio-históricos, pressupõe a construção de redes e de infraestrutura mínima que permitam o trânsito entre alunos e pesquisadores de diferentes territórios. Isso corresponde a dizer que, por vezes, o caminho pretendido, por ser pioneiro, não conta com o arcabouço necessário ou ideal para os intercâmbios, sendo imprescindível o seu início para que sua estrutura se fortaleça, tanto no nível micro quanto no macro.

Temos como objetivo partilhar a experiência de intercâmbio de discentes de pós-graduação brasileiros em instituições de ensino superior em Angola, no âmbito do projeto "Formação de professores para o ensino da leitura e da escrita em contextos de desigualdades sociais" (PROLEDES), aprovado no âmbito do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, Edital 16/2023 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Ministério da Educação. Para além de apresentarmos as características gerais da iniciativa, pretendemos problematizar alguns dos desafios que se impuseram durante a organização da logística para as estadias de pesquisa, de modo a conjecturar sobre ações que precisam ser encampadas para que se intensifique a presença de estudantes brasileiros em instituições mais diversas ao redor do mundo.

As atividades do PROLEDES tiveram início em 2024, com previsão de conclusão em 2028; anualmente são oferecidas até 14 bolsas de mobilidade internacional para estudantes de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e da Universidade

Federal do Maranhão (UFMA) para que desenvolvam seus planos de trabalho por um período entre quatro e dez meses em instituições de ensino superior específicas de Angola, Benim, Cabo Verde e Senegal. A prioridade das bolsas é para estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas, com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades.

Iniciamos a parceria com Angola e, após o primeiro ano, ampliamos a cooperação com Benim, Cabo Verde e Senegal devido às dificuldades que alguns estudantes encontraram na obtenção dos vistos de estudo; mesmo com 14 bolsas disponíveis, apenas 9 pós-graduandos concretizaram a ida a Angola em 2024.

Em 2025, com autorização da CAPES, seis pós-graduandos realizaram mobilidade acadêmica em Cabo Verde, na Universidade de Santiago. Em 2026, estão em fase de preparação 14 estudantes, que devem iniciar no segundo semestre as atividades nos três novos países parceiros. Para discutir as especificidades de levar a cabo uma empreitada como esta, o texto estrutura-se da seguinte maneira: na primeira parte, apresentamos os caminhos que permitiram a construção do projeto; na segunda, elencamos os principais desafios enfrentados para a efetivação da proposta; e, por fim, argumentamos em prol de uma agenda colaborativa que permita a presença de estudantes brasileiros em territórios ainda não tradicionais em termos de fluxos de internacionalização.

2 Construção do projeto

Para a compreensão de como se deu a construção do projeto, faz-se necessário remontar a uma série de ações, não necessariamente lineares, que permitiram a criação dos laços para o estabelecimento da cooperação acadêmica. Embora haja outras iniciativas de colaboração com Angola, tomaremos como foco aquelas cujo resultado se liga intrinsecamente à criação do PROLEDES. Os primeiros contatos em Angola com os pesquisadores que, posteriormente, viriam a compor a equipe da proposta, se deram em 2013, ocasião em que pesquisadores do Brasil ligados à Universidade de São Paulo (USP) e outras instituições estiveram no Cuanza Sul para atividades acadêmicas (Agência USP de notícias, 2013). A partir daí, iniciaram-se diálogos sobre formas de trabalho conjunto, que culminaram em acordos de cooperação entre as instituições e no I Seminário de Formação de

Professores Angola-Brasil, no Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe (ISCED Sumbe) em 2016 (Sousa, Sakongo, António, 2019).

Ao grupo inicial de pesquisadores, uniram-se pessoas de diferentes universidades brasileiras que se dispuseram a orientar os estudantes angolanos dos cursos de pós-graduação então existentes no ISCED Sumbe, desenvolver pesquisas conjuntamente e ministrar componentes curriculares de modo condensado. A presença para a participação no evento permitia, portanto, que se realizassem outras ações para as quais não havia financiamento específico; a cada ida, os professores do Brasil ofereciam componentes, orientavam estudantes, participavam de bancas e reuniões de planejamento, entre outras iniciativas. Posto que se trata de uma instituição voltada à formação de professores, os seminários congregavam pesquisadores de diferentes áreas do saber que passaram a articular suas próprias redes e estabelecer acordos institucionais.

Dentre os diferentes projetos criados a partir da cooperação iniciada, principalmente, pelo trabalho dos coordenadores do convênio entre a Faculdade de Educação da USP e a Universidade Katyawala Bwila[5], Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto e Prof. Dr. Lourenço Lino de Souza, destaca-se a criação do curso de doutorado em Ciências da Educação, conforme descrito por Campos (2025) na conferência de abertura do I Encontro do PROLEDES:

> Em 2019, formou-se um grupo de trabalho, liderado pelo Prof. Dr. Lourenço Lino de Sousa (então no ISCED/S, mais tarde no Instituto Politécnico do Sumbe) e pela Profa. Dra. Marinalva Vieira Barbosa (UFTM), com o objetivo de elaborar um projeto para um doutorado em Ciências da Educação, alinhado às diretrizes do Programa Nacional de Formação e Gestão de Pessoal Docente de Angola. O projeto contou com a colaboração de outros professores brasileiros, como Valdir Heitor Barzotto (FEUSP), Sulemi Fabiano Campos (UFRN) e Thomas Massao Fairchild (UFPA). Em 2021, o projeto foi aprovado pelo Ministério do Ensino Superior de Angola e submetido a um edital da Expertise France/UNI.AO, da União Europeia, para financiamento de pós-graduação em África. Em 2023, o financiamento foi aprovado, viabilizando a criação do primeiro doutorado em Ciências da Educação fora da capital, Luanda. O processo seletivo ocorreu em setembro de 2023, com 30 alunos aprovados, e teve o início das aulas em novembro daquele ano. (Campos, 2025).

A criação do doutorado não é resultado pontual de um único projeto, grupo de pesquisadores ou universidade específica, sua aprovação decorre de uma agenda

[5] Instituição à qual o ISCED Sumbe se vinculava antes de se tornar autônoma em 2021.

mais ampla compartilhada por pessoas que, para além de buscarem meios de efetivar ações de internacionalização, preconizam também a interiorização da pós-graduação, tanto no Brasil quanto no exterior (Barbosa, Batista, 2019; Barzotto *et al,* 2021). Ainda que Angola já contasse com programas de doutorado em Luanda, este foi o primeiro na área fora da capital.

Isso reforça o que concebemos como interiorização, considerando que, para além dos centros hegemônicos, propõe-se a ampliação de redes nos eixos do ensino, da pesquisa e da extensão em contextos mais afastados e periféricos. A cidade do Sumbe, na província do Cuanza Sul, localiza-se a aproximadamente 300 quilômetros de Luanda, que, por concentrar instituições e redes acadêmicas mais consolidadas, reúne experiências com parceiros internacionais significativamente mais estruturadas do que em outras localidades.

Esse tipo de experiência demanda desafios diferentes daqueles encontrados em Instituições de Ensino Superior (IES) que já dispõem de condições consolidadas para as políticas de cooperação acadêmica. A internacionalização em regiões historicamente periféricas, nas quais as políticas de cooperação ainda são restritas, como é o caso de algumas IES envolvidas no PROLEDES, contribui para o fortalecimento de pesquisas locais, para o estímulo a intercâmbios que se realizem para além dos circuitos hegemônicos, também para a ampliação do acesso à formação no nível de pós-graduação e para as redes internacionais de produção científica.

A consolidação desse tipo de projeto em rede, em contextos periféricos, também enfrenta exigências institucionais e estruturais que não necessariamente dialogam com as realidades locais das instituições envolvidas. Por exemplo: um curso de doutorado na instituição principal no exterior era um dos requisitos do Programa Abdias Nascimento, aspecto que já promovia um corte entre aquelas que poderiam ser selecionadas. Deve-se salientar que, no nosso caso, a própria criação de condições mínimas para viabilizar cooperações desse tipo foi fruto das colaborações que se criaram nos anos precedentes.

Buscando a coerência com o modelo de internacionalização e de interiorização almejados, consideramos a necessidade de que as relações não se dessem por fluxo único, ou seja, somente professores brasileiros ministrando cursos e orientando estudantes angolanos, mas que o inverso também fosse possível. Nesse sentido, o Programa Abdias Nascimento propiciou que estudantes brasileiros

pudessem estar em Angola e, posteriormente, outros países, por período prolongado e fossem coorientados por professores dessas localidades em pesquisas colaborativas.

Assim, a formação da rede para submissão levou em consideração a necessidade de envolver instituições e programas de pós-graduação tanto presentes em grandes centros, quanto em cidades do interior. A proposta inicialmente enviada à CAPES contava com dois programas de pós-graduação da UFBA (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura e Programa de Pós-graduação em Educação, em Salvador), dois da UESB (Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens e Programa de Pós-graduação em Ensino, em Vitória da Conquista) e UFMA (Programa de Pós-graduação em Letras, em Bacabal). Tínhamos, assim, um grupo formado tanto por programas consolidados quanto por um programa criado recentemente, como o da UFMA, em funcionamento desde 2017.

Em Angola, além do ISCED Sumbe, uniu-se também a Escola Superior Pedagógica do Bengo, que, apesar de estar mais próxima da capital Luanda, não contava com pós-graduação stricto sensu. A esse grupo foram posteriormente incorporados programas e instituições de outros países para propiciar o uso mais efetivo possível das bolsas, de modo que atualmente a composição é a seguinte:

- Universidade Federal da Bahia (instituição principal no Brasil)
    - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
    - Programa de Pós-Graduação em Educação
    - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura
    - Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências
    - Programa de Pós-Graduação em Música
- Universidade Federal do Maranhão (instituição associada no Brasil)
    - Programa de Pós-Graduação em Letras - Bacabal
- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (instituição associada no Brasil)
    - Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens
    - Programa de Pós-Graduação em Ensino

- Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe (instituição principal em Angola)
    - Doutorado em Ciências da Educação
- Escola Superior Pedagógica do Bengo (instituição associada em Angola)
- Universidade Cheikh Anta Diop de Dacar (instituição associada no Senegal)
- Universidade de Santiago - Cabo Verde (instituição associada em Cabo Verde)
- Universidade de Abomey-Calavi – (instituição associada no Benim)

Considerando a experiência já acumulada em Angola e as especificidades do edital, articulamos a proposta em torno da formação de professores com foco na leitura e na escrita, aspecto que perpassa diferentes áreas do conhecimento e que impacta em disparidades educacionais; e das desigualdades sociais, característica comum a ambos os países em diferentes níveis, em parte em decorrência de seu passado colonial, cujos efeitos ainda persistem em ambos os países. Baseamo-nos na premissa segundo a qual é necessário haver a possibilidade de pesquisadores que investigam o continente africano e sua influência no Brasil terem a oportunidade de uma estadia presencial com a finalidade de estudo e pesquisa. Ainda que seja possível acessar conhecimentos sobre um território de diversas maneiras, a experiência de viver o dia a dia em uma instituição no exterior, conhecer outras culturas e pesquisar conjuntamente é um diferencial na formação acadêmica com potencial de reverberar na prática profissional de estudantes em mobilidade. Cada um, após o período de intercâmbio, poderá criar sua própria rede de trabalho e ampliar as parcerias a partir de suas instituições e áreas de atuação, além da produção e difusão de conhecimento decorrente do contato com grupos de pesquisa diversos.

A partir das ações do PROLEDES, temos como objetivos promover o acesso de discentes e de docentes pesquisadores a escolas, bibliotecas, espaços comunitários, instituições de ensino superior dos países parceiros para estudo do contexto multilíngue de ensino da leitura e da escrita; fomentar a cooperação entre grupos de pesquisa para o estudo das especificidades linguísticas em contextos de desigualdade social; analisar as formas de ensino de história e cultura africana com o objetivo de levantar métodos em atendimento às leis 10.639/2003 Lei 11.645/2008. Buscamos, coletivamente, responder a desafios históricos e contemporâneos

relacionados à diversidade linguística, às práticas pedagógicas e à inclusão educacional (Batista, Souza, Sousa, 2026).

Até o momento, os planos de trabalho desenvolvidos centram-se nos seguintes eixos: educação, identidades, relações étnico-raciais e perspectivas decoloniais; leitura, escrita, literatura e práticas de letramento; e línguas, currículo, formação docente e inovação pedagógica. Os resultados obtidos demonstram avanços na internacionalização e na formação docente, permitindo a criação de estratégias tanto para o ensino superior quanto para a educação básica. Quanto ao ensino da leitura e da escrita, embora haja diferenças significativas entre os países, as pesquisas têm demonstrado que ações voltadas à adoção de um ensino multilíngue, em detrimento de uma perspectiva linguística única, têm contribuído para a melhoria das habilidades dos estudantes em diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de uma tendência que, além de ter impacto no âmbito educacional, tem potencial para reduzir desigualdades.

3 Desafios para a efetivação dos intercâmbios

Feitas as explicitações sobre a concepção do PROLEDES e a criação de condições para a sua execução, passamos a discutir alguns dos desafios para a sua efetivação. Conforme já mencionado, por ano há a possibilidade de oferecer bolsas a 14 estudantes; na primeira seleção realizada, o projeto conseguiu reunir a quantidade total de pós-graduandos aptos para o início das atividades em Angola em 2024; após essa etapa, havia ainda a necessidade dos trâmites burocráticos para a obtenção dos vistos que permitiriam a entrada no país na condição de estudante por período prolongado. Ressalta-se que todos os inscritos que atendiam às exigências do edital foram selecionados. Na tabela a seguir, compartilhamos informações sobre as bolsas implementadas:

Tabela 1. Implementação de bolsas para Angola (2024).

Situação da bolsa	Mestrado-sanduíche	Doutorado-sanduíche
Implementação e efetivação	5	4
Implementação e desistência	2	3
Total	7	7

Fonte: Dados do projeto PROLEDES (2026).

Implementação e efetivação referem-se àquelas em que os estudantes conseguiram a documentação para ingressar no país e puderam concluir a sua estadia de estudo; com relação à desistência, uma de doutorado-sanduíche ocorreu por impossibilidade de próprio estudante selecionado e as demais pela não emissão do visto em tempo hábil para cumprimento do cronograma; em alguns casos, quase um ano após a solicitação, ainda não havia resposta sobre os pedidos. Em se tratando de bolsas para mestrandos, a demora na emissão pode inviabilizar o intercâmbio; para doutorandos, mesmo com uma margem maior de prazo, os atrasos implicam prejuízos significativos.

Por se tratar de experiência pioneira, em que tantos estudantes de pós-graduação pudessem passar um período considerável de estudos em Angola, não havia à época precedente que pudesse ter antecipado tal entrave. Mesmo com as idas anteriores ao país, as estadias eram de curta duração, para as quais não houve impedimentos dessa ordem. A coordenação do projeto, em parceria com as instituições envolvidas, buscou apoio em diferentes instâncias na tentativa de encontrar algum caminho que viabilizasse o atendimento aos pedidos, porém sem sucesso. Para garantir a continuidade das ações, foram então inseridas instituições de Cabo Verde, Senegal e, por fim, Benim, países que indicaram condições favoráveis para a entrada e a permanência de estudantes estrangeiros.

Quando observamos a distribuição das bolsas implementadas à primeira turma, considerando a instituição de origem, é possível conjecturar sobre outros desafios.

Tabela 2. Instituição de origem dos bolsistas que foram a Angola (2024).

Universidade	Mestrado-sanduíche	Doutorado-sanduíche
Universidade Federal da Bahia	4	4
Universidade Federal do Maranhão	0	–
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	1	0

Fonte: Dados do projeto PROLEDES (2026)

Da totalidade de bolsas, a maioria se concentrou na UFBA, instituição mais consolidada, ao passo que a UESB contou com uma bolsa e a UFMA, cujo

programa conta somente com o curso de mestrado, não teve participação. Ao articularmos as concepções sobre internacionalização e interiorização, notamos que, mesmo com a disponibilidade de recursos, há mais barreiras para que estudantes de programas do interior sejam inseridos em ações desse tipo. Acresce-se à discussão o fato de três das bolsas não efetivadas pela não emissão do visto terem sido de estudantes da UESB, ou seja, as instituições participantes e, consequentemente, as pessoas, foram afetadas de maneiras diferentes. Cabe ressaltar que, na turma de 2025, entre os estudantes que foram a Cabo Verde, um dos bolsistas é mestrando do programa da UFMA e que esforços têm sido feitos para que haja maior participação para além da instituição principal no Brasil.

Para aprofundar a compreensão sobre o impacto de projetos dessa natureza no cenário da mobilidade acadêmica no Brasil, recorremos a dados do Sistema de Informações Georreferenciadas da CAPES dos últimos dez anos:

Tabela 3. Distribuição de bolsistas da CAPES em Angola.

Ano	Mestrado-sanduíche	Doutorado-sanduíche
2015	0	2
2016	0	2
2017	0	4
2018	0	4
2019	0	3
2020	0	0
2021	0	0
2022	0	0
2023	0	0
2024	7	10

Fonte: Adaptado de GEOCAPES - Sistema de Informações Georreferenciadas da CAPES.

A observação dos dados permite perceber tanto a descontinuidade quanto a fragilidade da mobilidade acadêmica em nível de pós-graduação para Angola; a consulta à ferramenta GEOCAPES indica que tal cenário não se limita a Angola, mas aos demais países africanos. Apesar de a CAPES não ser a única instância a

dispor de bolsas nessa modalidade, reconhecemos o seu papel fundamental na promoção da internacionalização, seus dados, portanto, oferecem um panorama valioso da inserção de discentes brasileiros no país. Entre 2015 e 2019, observa-se a presença exclusiva de bolsistas de doutorado-sanduíche, em números reduzidos e relativamente estáveis, com variações entre dois e quatro por ano. Por outro lado, em relação ao mestrado-sanduíche, nota-se a ausência até 2024.

O período de 2020 a 2023 marca uma interrupção completa das bolsas, tanto em nível de mestrado quanto de doutorado. Ainda que esse hiato possa ser parcialmente associado à pandemia de COVID-19, ele também sugere a ausência ou a não efetividade de políticas voltadas à retomada de cooperação com países africanos de língua portuguesa. O dado mostra-se bastante significativo quando comparado a outras rotas retomadas com maior rapidez.

Já em 2024, configura-se uma ruptura expressiva com o período anterior, tanto pela presença de bolsas de mestrado-sanduíche quanto pelo crescimento significativo das bolsas de doutorado-sanduíche. Tal aumento, entretanto, não pode ser interpretado como retomada pós-pandemia, mas como resultado direto de programas específicos, como o Programa Abdias Nascimento e iniciativas decorrentes, como é o caso do PROLEDES.

Em termos gerais, os dados permitem afirmar que a mobilidade para Angola não se sustenta de forma orgânica ou contínua, trata-se de parceria que depende intrinsecamente de editais específicos, projetos institucionais e iniciativas coletivas, mesmo que sem financiamento, como a que resultou na parceria com o ISCED Sumbe e na criação do doutorado em Ciências da Educação. Ressalta-se também que o crescimento observado em 2024 não invalida o diagnóstico de fragilidade; ao contrário, reforça-o. Trata-se menos de uma consolidação e mais de uma exceção histórica que confirma a dificuldade estrutural de manter Angola como destino regular de pós-graduandos brasileiros.

Os dados da tabela 3, bem como a experiência acumulada no decorrer do projeto, evidenciam que a presença de pós-graduandos brasileiros em Angola não é fruto de um fluxo frequente e contínuo, mas de gestos de persistência por parte das pessoas envolvidas. Recuperamos o sentido de persistir pelo caráter transformador que a experiência pode agregar e pelo potencial de contribuição para grupos que venham a propor empreitadas similares posteriormente. Estar em Angola, no âmbito da pós-graduação brasileira, ainda é um acontecimento pouco frequente, que exige

não apenas mérito acadêmico, mas também capacidade de contribuir para a construção de condições para que a mobilidade possa continuar a existir, enfrentar lacunas institucionais, descontinuidades políticas e limites administrativos.

4 Pela construção de uma agenda conjunta

Do que temos aprendido ao longo dos últimos anos nos projetos de cooperação com Angola, especialmente naqueles que envolvem mobilidade discente, dois aspectos se mostram fundamentais. Se, por um lado, as condições básicas para a existência dos acordos de cooperação muitas vezes decorrem das próprias iniciativas acadêmicas (ancoradas em redes de pesquisa, afinidades teóricas e ações pontuais), por outro, sua manutenção depende de um esforço contínuo, que extrapola o âmbito estritamente acadêmico e envolve dimensões institucionais e políticas. É esse esforço que permite que as ações não apenas se iniciem, mas se efetivem e tenham continuidade a longo prazo.

Nesse sentido, experiências recentes têm evidenciado que, nesse tipo de cooperação, não são suficientes nem a construção coletiva de um programa de doutorado no exterior, nem a aprovação de um projeto institucional de mobilidade acadêmica de grande porte, como no caso do PROLEDES, que, ao longo de quatro anos, prevê a concessão de até 56 bolsas de mobilidade discente. Há ações nos âmbitos institucional e governamental imprescindíveis para garantir a viabilidade concreta dos deslocamentos, considerando os diferentes prazos, ritmos e tempos de formação dos países em cooperação. Quando o tempo de resposta a um pedido de visto de estudante ultrapassa um ano, ainda que haja vontade institucional, disponibilidade discente e recursos financeiros assegurados, a mobilidade torna-se, na prática, inexequível. Ao defender a permanência de recursos para projetos com características semelhantes, reconhecemos, assim, que o fator financeiro, embora indispensável, não é suficiente para sustentar determinados tipos de mobilidade acadêmica.

Ainda que se reconheça que a internacionalização pode ocorrer de formas diversas, que não se limitam ao deslocamento físico, assumimos neste artigo a posição de que o fluxo acadêmico para Angola, assim como para outros países do continente africano, tem muito a contribuir para a produção do conhecimento em diferentes áreas, especialmente na educação. Trata-se de um deslocamento que

produz efeitos formativos, epistemológicos e políticos, ao colocar pesquisadores e estudantes em contato com contextos multilíngues, histórias coloniais compartilhadas e desafios educacionais para os quais há que se conhecer e construir epistemologias específicas.

No caso específico do PROLEDES, o caminho encontrado para garantir a continuidade das mobilidades foi a mudança do país de destino para outros no mesmo continente. Ao permitir contornar um entrave burocrático complexo, a alteração acaba por reforçar, ainda que involuntariamente, a percepção de que a mobilidade acadêmica para determinados países africanos é pouco viável. Para fazer frente a essa leitura simplificadora, torna-se necessário ampliar o debate e compreender que as dificuldades enfrentadas não dizem respeito ao continente em si, mas à ausência de políticas articuladas que deem sustentação à cooperação.

É nesse ponto que propomos articular as noções de internacionalização e interiorização, pois esta constitui um aspecto central das mobilidades acadêmicas que articulamos; uma vez que muitas das instituições parceiras situam-se no interior, os desafios se intensificam. A combinação entre deslocamentos internacionais e contextos interiorizados exige esforço conjunto, planejamento específico e criatividade para transpor barreiras burocráticas, econômicas e culturais que não se apresentam da mesma forma em cooperações mais tradicionais.

A construção de uma agenda conjunta, portanto, implica reconhecer que a cooperação acadêmica com Angola demanda políticas de longo prazo, capazes de articular financiamento, acordos migratórios, reconhecimento institucional e acompanhamento contínuo dos estudantes. Para além de persistir em ações isoladas, trata-se de construir um projeto político-acadêmico que compreenda a mobilidade como parte constitutiva da formação e da produção de conhecimento, e não como exceção.

5 Conclusões

A partir do exemplo concreto de um projeto de mobilidade acadêmica orientado pelos princípios da cooperação Sul–Sul e pela articulação entre internacionalização e interiorização, este artigo analisou os desafios que se impuseram à efetivação dos intercâmbios de pós-graduandos do Brasil em Angola. As dificuldades para a obtenção de vistos, relacionadas ao fluxo historicamente

reduzido de estudantes brasileiros que, até então, haviam pleiteado documentação para estadia prolongada de estudos no país, conforme indicam os dados apresentados na Tabela 3, constituíram o principal fator a inviabilizar as viagens e evidenciaram os limites estruturais dessas iniciativas.

Cientes de que os trâmites migratórios se impõem a qualquer ação que pressuponha deslocamento, compreendemos que determinadas rotas, por serem pouco exploradas, demandam articulações específicas que viabilizem a permanência de estudantes e pesquisadores por períodos compatíveis com os tempos acadêmicos. Ainda que, formalmente, existam acordos de cooperação entre as nações em diferentes áreas do saber, o fluxo historicamente consolidado se estrutura com predominância de estudantes angolanos em direção ao Brasil, em detrimento do movimento inverso. Nesse contexto, a própria criação do PROLEDES, no âmbito do Programa Abdias Nascimento, ao tornar visível uma demanda até então restrita, aponta caminhos para a construção de uma agenda conjunta capaz de sustentar a continuidade de iniciativas similares. Entre essas demandas, destaca-se a interiorização, que, neste caso, tem contribuído para a ampliação das redes acadêmico-científicas de ensino, de pesquisa e de extensão, em contextos de desigualdades sociais que se localizam fora dos centros hegemônicos de produção do conhecimento.

Por fim, ao evidenciar que as condições iniciais para a mobilidade acadêmica podem emergir das próprias práticas de cooperação engendradas organicamente por grupos de pesquisadores, o artigo reafirma que a persistência a partir dos aprendizados constitui uma prática acadêmica e política, necessária para que se fortaleça a internacionalização aliada à interiorização. Para além da criação de programas específicos de fomento, a sustentação e a continuidade dessas iniciativas exigem a consolidação de acordos bilaterais, a articulação institucional em diferentes níveis e o reconhecimento de que a cooperação Sul–Sul demanda tempos, negociações e aprendizados próprios.

Referências

AGÊNCIA USP DE NOTÍCIAS. Pesquisadores da FFLCH participam do projeto “Município Libolo, Kwanza Sul, Angola”. **Jornal da USP**. São Paulo, 05 jul. 2013. Disponível em: https://www5.usp.br/noticias/cultura/pesquisadores-da-fflch-participam-do-projeto-municipio-libolokwanza-sul-angola/. Acesso em: 25 fev. 2026.

BARBOSA, Marinalva Vieira; BATISTA, Adriana Santos. Apresentação - Educação, diversidade cultural e linguística: debates sobre questões de Angola e do Brasil. **Cadernos CIMEAC**, v. 9, n. 1, p. 7-23, jul. 2019. ISSN 2178-9770. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/3849/3838>. Acesso em: 05 out. 2025.

BARZOTTO, Valdir Heitor *et al*. Cooperação acadêmica e fortalecimento da pós-graduação em cidades do interior. **Missangas**: Estudos em Literatura e Linguística, v. 1, n. 1, p. 155–167, 2021. Disponível em: https://revistas.uneb.br/missangas/article/view/9658. Acesso em: 25 fev. 2026.

BATISTA, Adriana Santos; SOUZA, Fátima Aparecida de; SOUSA, Lílian Teixeira de (org.). **Leitura e escrita como travessia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2026.

CAMPOS, Sulemi Fabiano. Caminhos da cooperação internacional: a educação como desafio no Sul Global. **Conferência de abertura apresentada no I Encontro do Proledes Angola-Brasil**. Salvador, Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2025.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **GeoCapes**: sistema de informações georreferenciadas. Brasília, DF: CAPES. Disponível em: geocapes.capes.gov.br. Acesso em: 26 fev. 2026.

SOUSA, Lourenço Lino de; SAKONGO, Amélia Freire; ANTÓNIO, Miguel Casimiro. Ações desenvolvidas pelo Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul (ISCED CS) em conjunto com as universidades brasileiras parceiras. **Cadernos CIMEAC**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 24–33, 2019. Disponível em: https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/3875. Acesso em: 19 out. 2025.